

• CONTRIBUIÇÕES DA SINTAXE FUNCIONAL I

Coordenador(a): **Sebastião Carlos Leife Gonçalves**

Neste simpósio, serão apresentados trabalhos que, filiados a orientações funcionalistas de linhas diferentes (holandesa, americana, por exemplo), discutem fenômenos sintáticos de natureza diversa. Tais fenômenos envolvem, basicamente, construções complexas, para as quais se oferecem análises de aspectos pragmáticos, semânticos e sintáticos, que, conjuntamente, revelam processos indiciadores de mudança lingüística.

AS CONSTRUÇÕES DO TIPO FOI FEZ

Angélica T. C. Rodrigues (UNICAMP)

Este trabalho objetiva a análise de uma distinta classe de construções, presente na modalidade falada do português brasileiro, que são aqui identificadas como "construções do tipo foi fez" (CFFs). As CFFs formam-se a partir de uma seqüência mínima de V1 e V2, em que V1 e V2 compartilham sujeito e flexões verbo-temporal e número-pessoal. V1 é quase sempre um dos verbos ir, chegar e pegar e V2 é relativamente livre. As CFFs podem ser divididas em dois tipos. V1 e V2, no tipo 1, estão conectados por e, no tipo 2, encontram-se apenas justapostos com em (1) e (2) respectivamente:

(1) Aí, eu peguei e saí.

(2) Aí minha mãe foi fez um short para mim.

Nesses contextos, os verbos, em V1, sofrem alterações sintáticas e semânticas significativas, quando cotejados com seus empregos literais. Ir e chegar perdem principalmente a noção de movimento e pegar, além da mudança semântica, também perde transitividade, deixando de subcategorizar complemento.

Apesar de apresentarem algumas características dos processos de coordenação e de auxiliarização, as CFFs não são satisfatoriamente descritas por esses processos. Como compartilham também características muito relevantes com as construções com verbos seriais (CVSs), a classificação das CFFs como uma sub-classe de CVSs em português é uma proposta viável, na medida em que serialização verbal é um fenômeno lingüístico não homogêneo, cuja definição se faz através de um conjunto de propriedades que não são necessariamente válidas para todos os tipos de CVSs. A serialização verbal integra, na verdade, um "continuum" de articulação de cláusulas, em que as estruturas encontram-se hierarquicamente posicionadas. Sob tal proposta, as CFFs podem ser incluídas dentro de uma tipologia de construções de predicação complexa que se verifica trans-lingüisticamente. No âmbito do português brasileiro, sustento que as CFFs representam um tipo distinto de todos os outros tipos de construções gramaticais.

CLÁUSULAS APOSITIVAS EM PORTUGUÊS: ESTATUTO SINTÁTICO-DISCURSIVO

Nilza Barrozo Dias (UFJF)

Pretendo discutir proposta de análise sobre enunciados apositivos, constituídos de unidade base + unidade apositiva, abordando os seguintes itens: (i) os elementos conectores utilizados na aposição; (ii) a relação entre tipo de conector e tamanho de enunciado apositivo; (iv) a relação entre tipo de conector e unidades "independentes"/ desgarradas; e (v) a relação entre unidades desgarradas e o elemento base da correferencialidade- sintagmas ou unidades independentes. As amostras de fala utilizadas são do PROCON de Juiz de Fora, do Censo/Rio de Janeiro, NURC/SP e textos escritos da revista Veja, numa análise funcional- discursiva.

GRAMATICALIZAÇÃO DE PREDICADOS MATRIZ

Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP)

Nessa comunicação, discuto a tendência de dessentencialização de orações matriz em construções complexas formadas por [predicado matriz + oração encaixada]. Dessentencialização, aqui restrita aos predicados matriz, está sendo entendida sob dois aspectos: (i) o de restrições de flexão de tempo, modo, número e pessoa; e, (ii) o da perda de propriedade de seleção de argumentos oracionais. Ambos os aspectos afetam o estatuto sintático do complexo oracional, que, de biclausal, passa a monoclausal (cf. Thompson, 2002). Nesse processo de dessentencialização da oração matriz, alterações sintáticas, semânticas e pragmáticas revelam construções mais gramaticalizadas que se especializam na codificação das atitudes subjetivas do falante, tais como a indicação de modalidade epistêmica, de evidencialidade ou de outras avaliações. Restrinjo-me, nessa análise, a dois tipos diferentes de predicado matriz: um que seleciona complemento oracional na posição argumental de objeto, representado pelos predicados achar e acreditar, e outro que seleciona complemento oracional na posição argumental de sujeito, representado pelo predicado parecer. Apesar dessas diferenças estruturais, mostro que, no processo de dessentencialização, esses diferentes predicados apresentam equivalência funcional, em termos sintático, semântico e pragmático, e nos seus estágios mais gramaticalizados, mais dessentencializados, portanto, perdem a habilidade de selecionar argumentos oracionais, passando a funcionar como parentéticos modais de natureza adverbial. Resultados convergentes para predicados que, sintaticamente, funcionam de modo diferente legitimam a premissa funcionalista da prevalência da pragmática sobre a semântica e da semântica sobre a sintaxe (cf. Dik, 1989). Além disso, reforça também a discussão já apontada por Thompson (2002) sobre a pouca relevância de se distinguirem complementos oracionais em diferentes posições argumentais, dada a função que executam no processamento do discurso.

GRAMATICALIZAÇÃO, (INTER)SUBJETIVIZAÇÃO E MODALIDADE EPISTÊMICA: O CASO DE "ASSIM"

Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi (UNESP)

Ao propor tendências que explicariam a direção das mudanças semântico-pragmáticas implicadas na gramaticalização, Traugott (1982) lança mão de um modelo funcional de linguagem, que recupera a classificação tripartida das funções hallidayianas da linguagem. Assim, no modelo de Traugott, há um componente "proposicional", que inclui elementos sujeitos à verificação referencial; um componente "textual", que inclui elementos que permitem elaborar um discurso coeso; e um componente "expressivo", que inclui elementos que exprimem atitudes subjetivas. Com base nessa classificação, a autora sugere que as mudanças de significado que acompanham a gramaticalização tendem a respeitar a hierarquia: proposicional textual expressivo. Em trabalhos mais recentes, Traugott (1999) entende que essas tendências estão inscritas em processos mais globais de subjetivização e intersubjetivização, que dizem respeito ao fato de que, ao longo do tempo, os falantes desenvolvem significados novos para lexemas já existentes, com o propósito de codificar suas atitudes sobre o que está sendo dito ou sobre as atitudes do ouvinte. Em outras palavras, há uma pragmatização crescente dos significados.

À luz dessas considerações teóricas, o objetivo deste trabalho é mostrar que a proposta de Traugott ajuda a explicar os processos de gramaticalização experimentados pelo item "assim". Para isso, percorro dois objetivos mais específicos. Primeiramente, com base em dados do português atual falado e escrito, descrevo os contextos sintático-semânticos de quatro empregos de assim: advérbio dêitico, advérbio fórico, conjunção conclusiva e modalizador epistêmico

quase-asseverativo. Na seqüência, com base em fontes históricas do português, apresento evidências (a) de que há uma relação de derivação entre certos usos; e, (b) de que o modalizador epistêmico, que constitui um índice de avaliação subjetiva pelo qual o falante se descompromete com uma afirmação decisiva, é mais tardio.

PROCESSAMENTO DA COMPARAÇÃO NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Maria Célia Lima-Hernandes (USP)

A tarefa de comparar é básica no ser humano. Muitos estudos na área da cognição têm evidenciado isso. Esse processamento parte de uma atividade sensorial de observação, seguida de uma justaposição de elementos num processamento cognitivo, que sugere um conhecimento pré-estabelecido: o emolduramento pragmático. A expressão da comparação, contudo, manifesta-se em níveis variados de complexidade estrutural. Assim é que se manifesta a comparação em orações simples pela inclusão de termos que se predispõem a esse processamento e também por intermédio da aproximação de orações num período composto, cujas informações são justapostas para o encaminhamento da operação de comparar. Além dessas estruturas, há, ainda, a comparação realizada no plano argumentativo, em que a comparação desempenha também uma função textual de grande importância na malha argumentativa durante a conversa. Explinar as estruturas que envolvem esse tipo de processamento é o objetivo desta comunicação, que toma como ponto de partida o modelo de Dik (1977) sobre a adequação dos aspectos pragmático e psicológico. A partir de dados de língua falada do português carioca, explícito os níveis de estruturação que envolvem as palavras como, feito, igual e tipo. É, assim, pressuposta a idéia de que a informação pragmática abarca alguns tipos de conhecimento, necessários ao sucesso do processamento da interação verbal. Apresento evidências de que os aspectos cognitivo e pragmático atuam no processamento de base comparativa.

USOS DE VER EM SENTENÇAS COMPLEXAS

Cristina dos Santos Carvalho

O processo de complementação verbal pode ser caracterizado sob as perspectivas estrutural e semântica. Estruturalmente, as orações completivas admitem configurações sintáticas diversas. Semanticamente, as completivas que funcionam como argumentos internos verbais podem ser subcategorizadas por tipos semânticos distintos de verbos: declarativos, cognitivos, volitivos, causativos, perceptivos etc. Ademais, mesmo inserido em um grupo semântico, um item verbal pode apresentar diferentes significados. Por exemplo, em sentenças complexas com encaixamento de oração completiva, o verbo VER, categorizado semanticamente como perceptivo, pode ser empregado com diversas acepções, referentes tanto à percepção sensorial como à percepção intelectual. Para Givón (1990), no domínio da complementação verbal, as propriedades sintáticas das completivas estão relacionadas às propriedades semânticas do verbo da matriz. No entanto, nesse domínio, pode haver manutenção ou mudança dessas propriedades no curso evolutivo de uma língua. A continuidade de padrões semânticos e sintáticos de usos de formas ou construções lingüísticas em diferentes sincronias remete ao princípio do uniformitarismo (Labov, 1995), que prevê que as tendências de variação ou mudança que atuam na fase atual de uma língua são as mesmas que atuaram em sincronias anteriores e continuarão a ocorrer em estágios posteriores. A atuação desse princípio em sentenças complexas tem sido observada por pesquisadores funcionalistas (Votre, 1999, 2001; Oliveira, 2001, dentre outros) que analisam fenômenos sintáticos numa perspectiva pancrônica, em que se conjugam dados sincrônicos e diacrônicos. Neste trabalho, a partir do que é preconizado pelo princípio do uniformitarismo, verifico se os

usos de VER e de suas completivas encontrados no período contemporâneo do português (mais precisamente, no século XX) já vigoravam no período arcaico dessa língua (mais especificamente, no século XV). Fundamentada nos pressupostos do funcionalismo lingüístico, mostro que os resultados obtidos evidenciam, para alguns usos desse verbo em sentenças complexas, não só a manutenção mas também a mudança de comportamento semântico e sintático.